



Os pequenos estudantes observam busto do ex-presidente Getúlio Vargas, que tem exposição no Centro Cultural Palácio Rio Negro

## Intercâmbio traz uaimiris a Manaus

O pequeno índio uaimiri-atroari Anastácio Mera não sabia em que direção olhar e o nem o que fazer, ontem, durante o passeio que fez pela cidade. Aos 12 anos, ele nunca tinha saído da sua tribo para ver o que chamou de 'civilização'. "É tudo diferente, bonito... Não sei o que dizer", afirmou, confessando ter ficado nervoso e emocionado com tudo o que viu. "Nunca pensei que fosse assim", disse, sem conseguir definir qual a idéia que fazia de uma cidade.

Anastácio foi um dos 31 uaimiri que vieram conhecer Manaus, ontem, cumprindo a programação do Instituto de Proteção Ambiental do Amazonas (Ipaam) de firmar intercâmbio entre estudantes indígenas e não-índios. Um grupo de estudantes não-índios visitou a aldeia em abril.

Segundo o gerente de educação

ambiental, informação e comunicação do Ipaam, Luís Antônio Araújo, a experiência dos estudantes foi rica. "Eles puderam adquirir novos conceitos e aprender mais sobre os índios. A mesma coisa está acontecendo com os índios, que estão podendo ver como nós vivemos na cidade", afirmou Luís Antônio.

Os pequenos índios conheceram também alguns bairros da Zona Leste. "Isso é para que eles vejam que os 'brancos' enfrentam muitas dificuldades", disse Luís Antônio. Além dos bairros da Zona Leste os índios visitaram uma escola pública, a 1º de Maio, na Cachoeirinha (Zona Sul), o Centro Cultural Palácio Rio Negro (CCPRN) e o Teatro Amazonas.

Menos preocupado em conhecer o lado real da vida urbana e deslumbrado com o que viu ao longo do passeio, o pequeno índio Orlando

Baietyky, 12, disse que sentiu uma grande diferença entre a cidade e o lugar onde mora. "Na minha área não é assim. Tudo, tudo é diferente. Outra coisa. Não tem carro, barulho, muita gente", disse. Orlando, que visitou a cidade pela primeira vez, afirmou, ainda, que gostou do café da manhã, com frutas e doces e do almoço, com churrasco.

O uaimiri-atroari Jamico Twadja disse que já conhecia Manaus. Aos 19 anos, ele trabalha na aldeia como professor de língua materna, kinja iara e matemática, mas disse estar alegre por poder ter vindo a Manaus trazendo seus alunos. "Para eles esta visita é muito importante. É a chance que eles têm de conhecer uma cidade e saber como as coisas funcionam aqui", afirmou.

Pedro Weika, 19, também trabalha como professor na aldeia. Ele

dá aulas de língua materna mas sempre que pode tenta aperfeiçoar o português. "Acho importante falar português, mas mais importante que isso é falar o kinja iara, que é nossa cultura", afirma. Há três anos Pedro veio a Manaus pela primeira vez, mas já tinha uma idéia da cidade. "Antes o pessoal da Fundação Nacional do Índio (Funai) ia muito na nossa tribo e nos contava tudo", afirmou ele, destacando que foi com os funcionários da Funai que ele aprendeu a falar português.

Apesar da 'experiência' de cidade adquirida em conversas com os 'homens brancos' da Funai, Pedro não conseguiu esconder a emoção ao entrar no Teatro Amazonas, que ele só conhecia das histórias que ouvia. "É tudo muito bonito. Muito lindo mesmo. Nunca pensei que fosse assim", concluiu Pedro.